

# 24 OUT 1985

# Elemento novo

Apesar de a política do governo Reagan continuar a ser afirmativamente contra o reconhecimento de uma dimensão política para a dívida externa dos países em desenvolvimento, as declarações do secretário do Tesouro, James Baker, diante da Comissão de Relações Exteriores do Senado representam um avanço significativo na questão.

Baker declarou explicitamente: "É de fundamental importância que os Estados Unidos não deixem que as novas democracias na América Latina se desintegrem". Foram declarações textuais inseridas em uma longa argumentação no sentido de que o problema das dívidas externas não é de natureza política e, sim, meramente comercial. A frase citada é porém forte e tem um conteúdo novo e importante. Objetivamente ela introduz na polêmica e nas negociações uma dimensão política até agora negada pelos interlocutores internacionais.

Pensar que a declaração do secretário do Tesouro tenha significado uma mudança radical e definitiva na posição americana seria um erro crasso. Ele mesmo, nas mencionadas declarações, enfatizou o caráter financeiro do assunto, deu uma importância fundamental à exigência de adoção, pelos devedores, de políticas econômicas rigorosas, manteve, enfim, a tônica geral do discurso americano. Seria, entretanto, igualmente falso subestimar a importância de suas palavras.

As reações às palavras de Baker mostram como é importante a posição que tomou. Entre aqueles que adotam uma posição protecionista para todo o mercado americano, o descontentamento foi grande. Democratas se levantaram em protesto dizendo que não seria concebível que os Estados Unidos estimulassem aos bancos ocidentais uma posição irresponsável de colocar mais

dinheiro bom sobre as dívidas, dos países em desenvolvimento.

A nova posição, preocupação com os destinos das novas democracias, é importante e pode abrir um campo para o diálogo que leve a um entendimento mais fácil entre o Brasil e os nossos credores. É importante que se frise que cada país devedor tem posições e situações particulares e que não existe uma solução uniforme para o problema.

A posição brasileira é pouco sensível às preocupações manifestadas na discussão. Trata-se, para os americanos, da concessão de novos empréstimos para os países devedores. A posição do governo brasileiro já foi muito claramente explicitada. Possuímos reservas suficientes, não estamos precisando de novos aportes de capitais de empréstimos. O que o Brasil precisa é discutir juros, prazos e facilidades de colocação de nossos produtos nos mercados dos países de moeda forte.

A adoção de uma política de empréstimos mais flexível não pode ser considerada, entretanto, como desprezível. Além de introduzir a preocupação política nas negociações, pode atender às necessidades atuais de muitos países. Para o Brasil, entretanto, seria importante que esta flexibilidade se estendesse a outros campos. Para o Brasil, menos protecionismo americano, uma baixa nas exorbitantes taxas de juros e prazos mais flexíveis para o pagamento da dívida.

O fato importante é que nos Estados Unidos a preocupação com a política nos países devedores parece ser um sinal importante. A preocupação com o futuro político e social dos países devedores é até mesmo uma questão fundamental para os próprios americanos, caso pressionem os devedores até que neles haja rupturas irreversíveis.